

# Apresentação

Ao emergir, nos anos 1950, na história da música, o *rock* – cujo nome de batismo foi *rock'n'roll* – tocou em nervos expostos. Como quem irrompe, com estardalhaço, num campo minado, de uma ou de outra forma ele pôs em questão a escravização dos sentidos sob o jugo da tradição musical e/ou comportamental. O inconformismo com o estado de coisas nascente foi, sem dúvida, o gatilho que disparou críticas contundentes e acionou medidas repressivas de diversas ordens que, em última análise, buscaram abatê-lo em pleno voo. Paralelamente, no entanto, ele foi granjeando adeptos por todos os quadrantes do mundo, a ponto de se converter em objeto de desejo e fonte de lucros exorbitantes da indústria cultural, que procurou assimilá-lo e à qual ele se integrou, de maneira mais ou menos contraditória e em maior ou menor escala, conforme o caso.

Uma pequena parte dessa história de sons, ruídos e atitudes ligados ao *rock* é revisitada na *ArtCultura* 31, no dossiê *História & Rock*, organizado pelos professores Adalberto Paranhos, da UFU, e José Adriano Fenerick, da Unesp-Franca. O horizonte de abrangência da palestra e dos artigos aqui reunidos transita entre a América Latina, com ênfase no Brasil e no Chile, e, sem desdenhar o papel que os Estados Unidos desempenharam nesse processo, avança em direção a outras latitudes e longitudes, especialmente a Europa, com destaque particular, é claro, para a Inglaterra, mas também para Portugal.

Na sequência, abre-se espaço para uma entrevista com o historiador André Gunthert, professor da École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris. Ele discorre sobre a larga experiência que adquiriu na área de sua especialidade, a História Visual, uma das matérias-primas da *ArtCultura*, que, ao longo de sua existência, dedicou vários dossiês a tal temática, sem desconsiderar textos esparsos acolhidos em diferentes edições.

Já na seção Artigos, contam-se mais seis colaborações que formam um cardápio intelectual variado. Ela começa por fundir o corpo, o visual e o sonoro na produção do moderno e por transbordar as fronteiras nacionais, ao invadir a cena do *hip hop* em Monterrey, no México. Em seguida volta-se a atenção para a análise de uma revista, *Literatura*, que selou seu compromisso com uma perspectiva política engajada. E por falar em engajamento, aborda-se, depois, a intrincada questão da cultura popular de acordo com as propostas do Movimento de Cultura Popular, que eclodiu no Recife na década 1960, e se envereda pela produção cultural da arquiteta Lina Bo Bardi, tomando como referência específica sua intervenção no Solar do Unhão, em Salvador, e no Sesc Pompeia, em São Paulo. O texto final, como um *happy end*, coloca em evidência o significado de *O amor segundo B. Schianberg*, filme dirigido por Beto Brant, preocupado em captar o que é designado pela autora como “interseções midiáticas da cultura de massa feminizada”.

O fecho deste número consiste numa resenha na qual se passa em revista o livro recém-lançado *Os desafinados: sambas e bambas no “Estado Novo”*, no qual ganham força as vozes destoantes do grande coro da unanimidade nacional que tentou instaurar no Brasil da época da ditadura estado-novista conduzida sob a batuta de Getúlio Vargas.

Estamos conversados.

Adalberto Paranhos  
Kátia Rodrigues Paranhos  
editores